

PROFISSIONAIS DO SEXO: o papel do enfermeiro na prevenção de IST

THAYS MULLER BRITO DA SILVA¹
FABIANA DE FREITAS FIGUEIREDO²

RESUMO: Introdução: As profissionais do sexo fazem parte dos grupos que são mais vulneráveis as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), por conta da sua rotina de trabalho onde se relacionam com diversos parceiros diariamente, muitas não possuem conhecimentos sobre os riscos de IST's, ou simplesmente anulam a existência do risco. Ainda, pessoas com parceiros fixos muitas vezes não se atentam aos riscos de contrair IST's. Objetivo: Descrever o papel do enfermeiro na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis das profissionais do sexo. Metodologia: Trata-se de uma revisão de literatura, com base em informações descritas em outros artigos em relação a prevenção em Infecções Sexualmente Transmissível. Resultados: Foram encontrados dois artigos no ano de 2021 (28,58%), um em 2020 (14,28%), um em 2019 (14,28%), dois em 2017 (28,58%) e um em 2015 (14,28%). Discussão: A sexualidade é uma característica essencial ao ser humano e por isso, é uma extensão inseparável do existir. Portanto, a educação sexual, implícita ou explicitamente, está intimamente ligada à dimensão cultural e sociopolítica do indivíduo. Conclusão: estratégias educativas, realizadas por profissionais habilitados, para promover uma mudança no comportamento dos idosos, principalmente quanto às formas de prevenção, focando na importância do uso de preservativos durante as relações sexuais para prevenir as ISTs.

PALAVRAS CHAVES: Profissionais do sexo, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Prevenção.

SEX PROFESSIONALS: the nurse's role in sti prevention

ABSTRACT: Introduction: Sex workers are part of the groups that are most vulnerable to Sexually Transmitted Infections (STIs), because of their work routine where they relate to different partners daily, many do not have knowledge about the risks of STIs, or simply cancel out the existence of risk. Still, people with steady partners often do not pay attention to the risks of contracting STIs. **Objective:** To describe the role of nurses in the prevention of Sexually Transmitted Infections in sex workers. **Methodology:** This is a literature review, based on information described in other articles regarding the prevention of Sexually Transmitted Infections. **Results:** Two articles were found in 2021 (28.58%), one in 2020 (14.28%), one in 2019 (14.28%), two in 2017 (28.58%) and one in 2015 (14.28%). **Discussion:** Sexuality is an essential characteristic of the human being and therefore it is an inseparable extension of existence. Therefore, sex education, implicitly or explicitly, is closely linked to the cultural and sociopolitical dimension of the individual. **Conclusion:** educational strategies, carried out by qualified professionals, to promote a change in the behavior of the elderly, especially regarding forms of prevention, focusing on the importance of using condoms during sexual intercourse to prevent STIs.

KEYWORD: Sex workers, Sexually Transmitted Infections, Prevention.

1. INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são transmitidas por pessoas infectadas, principalmente, pelo ato sexual sem o uso de preservativos, pela transmissão de mãe para filho durante a gestação, parto ou amamentação, sendo causadas por vírus, bactérias ou fungos. As IST

¹ Acadêmica de Enfermagem, Curso de Enfermagem. Faculdade Fasipe Cuiabá. Endereço eletrônico: thaysmullerb152icloud.com

² Professora Mestra em Ciências da Saúde, Curso de Enfermagem. Faculdade Fasipe Cuiabá. Endereço Eletrônico: fabianafreitas_89@hotmail.com

podem se manifestar através de corrimentos (esbranquiçados, com cheiro forte e geralmente manifesto na gonorreia, clamídia e tricomoníase), feridas (casos de sífilis e herpes genital) ou verrugas anogenitais (causadas pelo HPV-*Human Papiloma Virus*). Alguns exemplos de IST são: herpes genital, sífilis, gonorreia, infecção pelo HIV (*Human Immunodeficiency Virus*), infecção pelo HPV e hepatites virais B e C (BRASIL, 2018).

Quando entramos no contexto das mulheres que trabalham com o sexo, vemos uma vulnerabilidade bem maior, por conta de uma grande quantidade de parceiros por dia, o uso de drogas injetáveis, pela recusa de alguns clientes no uso do preservativo na prática sexual, clientes esses que muitas vezes contratam essas profissionais especificamente para o sexo sem proteção as tornando vulneráveis à doenças e uma gestação indesejada. Uma pesquisa feita com 138 profissionais do sexo mostra que mais de 36% delas não fazem o uso do preservativo. (Couto PLS, et al, 2021).

No Brasil estima-se que 10 a 12 milhões de pessoas entre 15 e 49 anos contraem IST's por ano, sendo que no mundo esse valor é de 340 milhões de casos novos por ano, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1999.

Assim, é um problema de saúde pública mundial, analisando que o crescimento de casos é decorrente da escassez de educação sexual para crianças, adolescentes e até mesmo aos idosos. As IST's estão entre as cinco principais causas de procura por serviços de saúde (BRASIL, 2018) e podem provocar serias complicações, tais como infertilidade, abortamento espontâneo, malformações congênitas e até a morte, se não tratada (SILVA et al., 2017). Além disso, contrair um IST aumenta a chance, em pelo menos dez vezes, de contaminação pelo HIV, outra IST comum que até o momento não tem cura. Ainda, são doenças de difícil detecção, uma vez que podem se apresentar de forma assintomática (ADAM et al., 2017).

O problema é agravado pela grande quantidade de indivíduos que se automedicam com tratamentos inadequados, resultando em aumento da resistência aos antimicrobianos e podendo levar a quadros subclínicos que mantêm a pessoa transmissora mesmo sem sintomas visíveis (PENNA et al., 2000). Outro aspecto relacionado à alta prevalência das IST é que frequentemente as orientações dadas aos pacientes não contemplam atitudes capazes de prevenir a reincidência da doença e o tratamento dos parceiros (COOK et al., 2016).

O interesse pelo tema surgiu quando tive as aulas de Saúde Coletiva, onde pude ver a importância e de quantos meios de transmissões existem, para poder esclarecer para mim mesma alguns preconceitos que ainda existem pela nossa sociedade. Por se tratar de um problema de saúde pública, as IST's estão entre as principais causas de procura de serviço de saúde. Segundo o Ministério da Saúde, em 2019 foram contabilizados 41.919 novos casos de HIV no Brasil.

As pessoas mais vulneráveis para as IST são homossexuais, transexuais e profissionais do sexo. Mesmo após três décadas como protagonistas e foco de campanhas, as prostitutas continuam com uma prevalência maior de HIV entre a população geral de mulheres (LEITE; MURRAY; LENZ, 2015).

A promoção de saúde em uma comunidade é considerada uma ação eficaz no auxílio da redução da disseminação de infecções que causam impacto na saúde pública. As necessidades de políticas públicas sobre saúde sexual direcionadas ao público de todas as classes sociais, com maior ênfase as de nível socioeconômico mais baixo, independente da orientação sexual merece destaque, assim uma maior divulgação sobre os modos de prevenção pré e pós exposição seria uma forma da população ter maior conhecimento sobre o tema. Assim, a prostituição merece destaque por ser uma das profissões mais antigas no mundo. Contudo, é contemporaneamente e permanentemente permeada por um tabu regido por valores culturais, sociais, políticos e morais que regulam a sexualidade. Esse estigma impede o entendimento adequado sobre os trabalhadores do sexo e torna-se alicerce para perpetuar a vulnerabilidade social e risco para a saúde, já que não há ações potencialmente efetivas e voltadas para os cuidados e prevenção.

Portanto é importante executar atividades que a população, através de trabalhos que inicialmente realizam o diagnóstico do conhecimento prévio destes indivíduos quanto às formas de transmissão das principais IST e a qualidade de vida dos portadores destas infecções, justificando,

assim, a importância do presente estudo. Lembrando que esse assunto deve ser tratado com consciência, é uma demonstração de amor por si mesmo o ato de se cuidar e proteger o outro.

Assim, a pesquisa tem como questionamento qual o papel do enfermeiro na prevenção de IST? Tendo em vista, que não é muito falado e nem muito discutido, e que existe certo cuidado ao ser abordado pela equipe multiprofissional. Nesse entendimento é fundamental que a equipe de saúde esteja preparada e atenta aos cuidados com os profissionais, para que os mesmos possam ser tratados de forma digna e recebam todo cuidado e orientação que necessitam.

O objetivo desse artigo é descrever o papel do enfermeiro na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis das profissionais do sexo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV

A epidemia da AIDS, ainda constitui um problema de saúde pública, apesar dos inúmeros avanços conseguidos nos últimos anos (WHO, 2015). No mundo, cerca de 33,2 milhões de pessoas estão infectadas pelo vírus HIV, sendo que no Brasil os homens tem sido os principais grupos afetados pela infecção. De acordo com o Boletim Epidemiológico HIV/AIDS de 2018, eles representam 65,5% dos casos de aids registrados de 1980 a junho de 2018. Há uma tendência recente de aumento nas taxas de detecção de novos casos de aids entre homens, que passaram de 24,8 casos/100 mil habitantes em 2007 para 26,0 casos/100 mil habitantes, em 2017, enquanto verifica-se um decaimento de 30% nos últimos 10 anos nas taxas de detecção entre mulheres (BRASIL, 2017).

Na primeira década, quando existia pouco conhecimento sobre o HIV e a AIDS, os adultos homossexuais, os usuários de drogas injetáveis e os profissionais do sexo eram os mais prevalentes, representado mais de 70% dos casos notificados. Em meados de 1990, a infecção tornou-se frequente entre homens e mulheres heterossexuais com baixas renda e escolaridade (OLIVEIRA et al., 2015). Posteriormente, idosos também se tornaram alvo do HIV, por diversos fatores, como aumento da longevidade, pouca informação e valores pessoais distintos das práticas do sexo protegido. Entre crianças, os casos de notificação sempre foram crescentes, especialmente associados à transmissão vertical. Porém, a partir de 2009, notou-se uma nova mudança no perfil epidemiológico do HIV/AIDS. As notificações apontavam para o aumento sensível entre homens homossexuais e bissexuais, com idades entre 13 e 24 anos (RIBEIRO et al., 2015).

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) foi denominada como uma doença proveniente dos excessos, dos desvios, do anormal ou do pecado. É uma doença complexa que engloba a forma de viver as relações afetivas, seu jogo de poder, as expressões do sexo e a busca pelo prazer. Sua dimensão sobre a sexualidade, revelou as desigualdades entre homens e mulheres e apontou um quadro de progressivo aumento do adoecimento feminino (MONTEIRO et al., 2016).

Assim, as infecções oportunistas podem ser causadas por diversos agentes etiológicos, como bactérias, fungos, vírus, protozoários, parasitas, e levam às múltiplas manifestações de ordem neurológica, ocular, respiratória, digestiva e dermatológica. A morte usualmente resulta de uma dessas infecções oportunistas e não dos efeitos diretos da infecção pelo HIV (MONTEIRO et al., 2016). A consequência da infecção por HIV a longo prazo é que os pacientes se tornam severamente imunodeficientes, desenvolvendo a doença fatal conhecida como AIDS (JEFFRIES et al., 2017).

Nogueira, Saavedra e Costa(2008) chamam atenção para o fato de que entre os jovens, principalmente do sexo feminino, há perigosa tendência de acreditar que o risco de infecção por HIV é pequeno. Entre os que estão em relações estáveis, a parceria fixa e a “confiança no companheiro” são justificativas para dispensar o uso do preservativo(MAIA, GUILHEM e FREITAS, 2008).

As campanhas de prevenção do Ministério Saúde focam a prática do sexo seguro – “use camisinha” – e as consequências de se expor ao risco. No entanto, a julgar pelo avanço da epidemia, principalmente entre a população feminina cisgênero, tais campanhas não têm sido eficazes (MOMBELI et al., 2019). Os meios de intervenção deveriam produzir transformações, mas para isso

é necessário conhecer as crenças e práticas sexuais do local onde se quer intervir (KNAUTH et al., 2020).

Compreender o aumento da infecção por HIV em mulheres não é tarefa fácil, visto que a aids carrega o estigma de doença vergonhosa, fortemente associada a comportamentos desvalorizados moralmente (KNAUTH et al., 2020). A condição social da mulher torna essa tarefa ainda mais difícil, principalmente porque a prevenção da aids está ligada ao controle do comportamento sexual, que guarda relação com a reprodução e os papéis de gênero (MOMBELI et al., 2019).

2.2 Sífilis

A sífilis teve seu agente etiológico descoberto em 1906, pelos pesquisadores alemães Fritz Richard Schaudim e Paul Erich Hoffmann. É uma doença infecciosa crônica, causada pela bactéria *Treponema pallidum*. O contágio se dá pelo ato sexual e sua transmissão vertical ocorre com frequência, resultando na sífilis congênita (KALININ, 2016). A sífilis é mais comum em grandes cidades e entre indivíduos jovens e sexualmente ativos. Nos Estados Unidos é mais prevalente entre a população negra, com menor escolaridade e baixa renda, e em pessoas com múltiplos parceiros sexuais (CARNEIRO et al., 2015).

A prevenção da sífilis se dá através da prática do sexo seguro com o uso do preservativo em todas as relações sexuais. Seu diagnóstico precoce em gestantes é importante para evitar a sífilis congênita, sendo sua prevenção o pré natal adequado (OLIVEIRA e SANTOS, 2015).

O pré natal e o puerpério são muito importantes para a orientação das principais medidas de prevenção contra sífilis, sendo o teste rápido de sífilis capaz de detectar a presença do treponema em 20 minutos, o teste é realizado através da punção da polpa digital com a retirada de algumas gotas de sangue que, ao serem depositadas em um dispositivo portador de uma fita de nitrocelulose que revela o resultado através da coloração de bandas, e após confirmação do teste é solicitado um VDRL (OLIVEIRA e SANTOS, 2015).

2.3. Papiloma vírus humano - HPV

O HPV (sigla em inglês para Papilomavírus Humano) é um vírus que infecta a pele ou mucosas (oral, genital ou anal) das pessoas, provocando verrugas anogenitais (na região genital e ânus) e câncer, a depender do tipo de vírus (LANG et al., 2016).

O carcinoma de colo uterino apresenta-se como a segunda neoplasia mais prevalente na população feminina, responsável por cerca de 250.000 mortes a cada ano no mundo (LIM et al., 2018). No Brasil, esta neoplasia situa-se como a terceira mais comum, apenas suplantada pelo câncer de pele (não melanoma) e pelo câncer de mama, sendo a quarta causa de morte feminina por câncer (LANG et al., 2016). A despeito destes números elevados, este é um tipo de câncer altamente prevenível, pois possui um agente específico, o papilomavírus humano (HPV) e pode ser rastreado em suas fases pré-malignas. É considerado o câncer que apresenta o maior potencial de prevenção e cura quando diagnosticado precocemente (ALLEN et al., 2018).

A transmissão do HPV se dá por contato direto com a pele ou mucosa infectada. A principal forma de transmissão é pela via sexual, que inclui contato oral-genital, genital-genital ou mesmo manual-genital (MIRGHANI et al., 2015). Portanto, o contágio com o HPV pode ocorrer mesmo na ausência de penetração vaginal ou anal. Também pode haver transmissão durante o parto. Como muitas pessoas infectadas pelo HPV não apresentam sinais ou sintomas, elas não sabem que têm o vírus, mas podem transmiti-lo (ALLEN et al., 2018).

A infecção pelo HPV não apresenta sintomas na maioria das pessoas. Em alguns casos, o HPV pode ficar latente de meses a anos, sem manifestar sinais (visíveis a olho nu), ou apresentar manifestações subclínicas (não visíveis a olho nu) (HIRTH et al., 2017). A diminuição da resistência do organismo pode desencadear a multiplicação do HPV e, conseqüentemente, provocar o aparecimento de lesões. A maioria das infecções em mulheres (sobretudo em adolescentes) tem resolução espontânea, pelo próprio organismo, em um período aproximado de até 24 meses (LANG et al., 2016). As primeiras manifestações da infecção pelo HPV surgem, aproximadamente, entre dois

e oito meses, mas pode demorar até 20 anos para aparecer algum sinal da infecção (HIRTH et al., 2017).

A prevenção do HPV se dá através da vacina sendo a medida mais eficaz de se prevenir contra a infecção (MIRGHANI et al., 2015). A vacina é distribuída gratuitamente pelo SUS e é indicada para: Meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos; homens que vivem com HIV, transplantados de órgãos sólidos, de medula óssea ou pacientes oncológicos na faixa etária de 9 a 26 anos; Mulheres que vivem com HIV, transplantados de órgãos sólidos, de medula óssea ou pacientes oncológicos na faixa etária de 9 a 45 anos (REAGAN – STEINER et al., 2015). Ressalta-se, porém, que a vacina não é um tratamento e não apresenta eficácia contra infecções ou lesões por HPV já existentes.

2.4 Gonorreia e infecção por clamídia

Um grande problema de saúde pública, *Neisseria gonorrhoeae* é atualmente a segunda causa mais comum de infecções bacterianas sexualmente transmissíveis em todo o mundo (REIS-GÓES et al., 2020). A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 106 milhões de novos casos de gonorréia são documentados entre adultos anualmente em todo o mundo; muitas outras infecções não são relatadas. Com mais de 500.000 casos observados anualmente nos Estados Unidos, *Neisseria gonorrhoeae* é a segunda doença sexualmente transmissível mais comumente relatada nos Estados Unidos, logo atrás da *Chlamydia trachomatis* (WHO, 2016).

A gonorreia é uma infecção bacteriana frequente, causada pela *Neisseria gonorrhoeae*, um diplococo Gram-negativo de transmissão quase que exclusiva através de contato sexual ou perinatal (NAKUBULWA et al., 2015). Primariamente afeta membranas mucosas do trato genital inferior, e mais raramente, as mucosas do reto, orofaringe e conjuntiva. O controle da gonorreia tem sido difícil na maioria das populações, e essa permanece um exemplo da influência que os fatores sociais, comportamentais e demográficos exercem na epidemiologia de uma doença infecciosa (SILVEIRA et al., 2017).

A infecção por gonorreia tem uma ligeira prevalência masculina secundária ao aumento da probabilidade de que os homens manifestem sintomas urogenitais e devido ao aumento do diagnóstico entre os homens que fazem sexo com homens (NAKUBULWA et al., 2015). Na última década, a incidência de ISTs gonorreais aumentou como resultado do aumento do número de cepas resistentes a antibióticos (UNEMO, 2015). Ensaios laboratoriais diagnósticos são essenciais para confirmar a suspeita clínica de gonorreia. A confirmação laboratorial do diagnóstico de infecção por *N. gonorrhoeae* é feita pela detecção direta do patógeno gonocócico em espécimes de swab urogenital, anorretal, faríngeo ou conjuntival ou urina de primeira captura (REIS-GÓES et al., 2020).

A terapia empírica para infecções gonocócicas é frequentemente administrada durante a visita clínica inicial com base em fatores históricos, como relações sexuais com uma pessoa com uma IST ou um exame clínico suspeito de uma IST, como gotejamento peniano ou corrimento vaginal anormal (UNEMO, 2015). Em todo o mundo, o tratamento da *N. gonorrhoeae* para infecções urogenitais em homens e mulheres, mas comumente consiste em terapia dupla com uma dose única intramuscular ou intravenosa de 250 a 500 mg de ceftriaxona em conjunto com uma dose oral única de 1 a 2 g de azitromicina por via oral (REIS – GÓES et al., 2020).

2.5 Profissionais do sexo: prevenção de infecções sexualmente transmissíveis

Conforme o Dicionário de Inglês Oxford, as prostitutas desenvolvem atividades que são moral e socialmente inadequadas (BENOIT et al., 2017). A expressão profissional do sexo "designa uma pessoa que faz sexo de forma impessoal por uma determinada quantia de dinheiro ou troca por qualquer outro bem"(MARIN et al., 2015).

Segundo Almeida et al., 2002 a prática da prostituição emana desde a antiguidade. As mulheres que desempenhavam tal atividade eram estimadas e muito valorizadas. Posteriormente, na idade média, esta prática passa a ser exercida sob caráter de escravidão, em lugares específicos, destinados à venda de sexo, o que implicou às mulheres que realizavam suas atividades sexuais

remuneradas de forma independente, o pagamento de altas taxas de impostos, dificultando a prática autônoma das atividades de comercialização do sexo.

Desde de antigamente, a prostituição é encontrada em diversas sociedades, como bordeis, boates, bares, saunas e ambientes virtuais, sendo sua prática encontrada atualmente (BELEM, et al., 2018). Assim, seu exercício ocorre de maneira marginalizada e estigmatizada, sofrendo com preconceito e discriminação pela sociedade marcada pela exposição a situações de risco, tais como violências física, sexual e psicológica, uso de álcool e drogas, IST e vulnerabilidade individual, social e programática em saúde (PINSOFD, 2017).

Uma grande maioria desse grupo profissional são mulheres com baixo nível de escolaridade, com alguma dependência química, são vulneráveis a preconceitos, violências e a diversas IST's, por se relacionarem diariamente com parceiros diferentes de maneira recorrente. A prostituição é a atividade comercial mais antiga da humanidade, estudos foram feitos para descobrir razões para entrarem nessa profissão, um deles é a pobreza, muitas vezes sendo o único caminho a escolher para se alimentar e para sobreviver. (CAVALCANTE et al., 2021)

Conforme Siqueira et al. (2020) a IST que mais acomete essas profissionais é a sífilis e o HPV, muitas mulheres alegam se cuidar e não colocar sua saúde em risco, porém uma grande porcentagem de profissionais acaba cedendo as vontades dos seus clientes ou praticam o sexo oral sem o uso do preservativo. Muitas vezes essas profissionais nem se quer tem conhecimento que sexo oral e anal, por exemplo, também são vias de transmissão de IST's, e quando contaminadas muitas dessas profissionais não sabem que estão com a doença, sendo um foco de transmissão, e que na rede pública são oferecidos tratamentos gratuitos e eficazes.

Com o intuito de trazer mais dignidade para a profissão e acesso a saúde com proposito de um atendimento humanizado e combate a exploração sexual foi criada a lei Gabriela Leite, para que essas profissionais tenham uma melhor qualidade de vida. Porém muitas vezes não é o que acontece, e o preconceito e o descaso por conta de alguns profissionais acabam tornando essas visitas as Atenção Primária Saúde diminuída, apenas para o necessário, muitas profissionais nem sequer fazem acompanhamento de rotina, muitas por achar que não necessitam e outra apenas por não gostarem do atendimento prestado (BARBOSA,2019)

A alegação de algumas profissionais do sexo para o não uso de preservativos é que elas utilizam pílula do dia seguinte ou anticoncepcionais, que previnem apenas a gravidez indesejada, renunciando à prevenção das IST's, outras só usam preservativos com cliente novos e renunciam ao uso com os clientes recorrentes. Muitas dessas profissionais desconhecem os sinais e sintomas de uma IST, que vão passando de maneira despercebida, podendo se agravar ou até mesmo transmitir para outros clientes. O Brasil é o país que mais possuem profissionais do sexo com HIV ao ser comparado com países centrais. (VIANA et al, 2020)

As profissionais do sexo muitas vezes carregam a culpa imposta pela sociedade de disseminar vários tipos de IST's, entretanto não conhecem os motivos que levaram à essas profissionais do sexo a tomar a decisão de se prostituir, muitas vezes sofrendo humilhações e abusos diários. Essas mulheres necessitam de um amparo maior do poder público, reconhecendo suas necessidades principalmente em relação aos serviços de saúde. Assim, conforme as redes de saúde buscassem por essas mulheres, levando amparo e transmitindo confiança, sem preconceitos e de forma humanizada, a procura pelos serviços de saúde por essas profissionais teriam um aumento significativo, dessa forma orientando-as e reduzindo riscos de contaminações para esse grupo e trazendo saúde nos aspectos físicos, mental e social (LEAL et al, 2017).

2.6 Atuação da enfermagem na prevenção de infecções sexualmente transmissível

O enfermeiro tem um papel importante na prevenção de IST's, sendo simplesmente o orientador para toda pessoa que tenha uma vida sexual ativa ou que venha a iniciar. O enfermeiro cria palestras, programas de orientação para uma prática sexual responsável e segura. O enfermeiro é como um professor, trazendo dados sobre as IST's, os benefícios de uma relação sexual protegida e os malefícios da prática do sexo sem sua devida segurança. O enfermeiro tem capacidade de fazer

com que essas pessoas se preocupem mais com a sua saúde e a saúde do seu parceiro, mostrando a necessidade de exames de rotina para prevenir ou tratar uma IST (SEQUEIRA, 2020).

O enfermeiro na prevenção de IST's promove o apoio, o acolhimento, a interação, o esclarecimento de dúvidas, a escuta e o diálogo com o paciente, sensibilizando e o empoderando sobre os riscos. Por acompanhar cada paciente desde o início, o enfermeiro consegue prestar seus cuidados de acordo com que cada paciente necessita, mas precisa ter estratégias e cautela ao se deparar com um possível resultado positivo de algum tipo de IST, sabendo aconselhar e acalmar cada paciente mostrando saídas, tratamentos e melhorias para a vida desse paciente (BRAZILIAN JOURNAL OF HEALTH REVIEW, 2021).

Ainda, é importante a atuação dos enfermeiros desenvolvendo ações educativas para os adolescentes, pois uma grande parte desse grupo começa a vida sexual precocemente, sem entender os riscos. E devido a diversos fatores como a pobreza e falta de orientação, iniciam cedo na prostituição. A orientação de um enfermeiro levaria conhecimento a esses adolescentes, como: se prevenir, reconhecer sinais e sintomas, a importância e como é utilizado o preservativo, qual a diferenciação e as consequências de cada IST's, tratamentos, que possuem cura e as que são incuráveis, a importância da busca por especialistas após o início da vida sexual (ginecologista, urologista) entre outras informações necessárias para a formação de cada adolescente para o cuidado com o ato sexual (RENOVARE, 2021). Para orientar os adolescentes os enfermeiros necessitam de cautela, saber ouvir as experiências desses jovens e transmitir os conhecimentos para os adolescentes, passando confiança para que eles possam fazer acompanhamentos de rotina e compreender todas as prevenções disponíveis na Unidade Básica de Saúde (NETO et al., 2021)

2.7 Rede de atendimento ist/hiv/aids

A rede de saúde pública oferece gratuitamente maneiras de prevenção (preservativo feminino, preservativo masculino), sem restrição de quantidade por usuários, sem contar que oferecem testagem para HIV, Sífilis, Hepatite B e C, de maneira segura e rápida, tendo todo um amparo da equipe caso ocorra um resultado positivo, oferece sessões de aconselhamento e grupos temáticos de educação em saúde e Profilaxia Pós Exposição (PEP). PEP – Se trata de uma profilaxia que o paciente pode recorrer para não ser contaminado, deve ser iniciado em até 72 horas após o ato, é indicado em casos de: Violência sexual, Relação sexual desprotegida ou Acidente ocupacional e deve ser realizada por 28 dias e a pessoa tem que ser acompanhada pela equipe de saúde, inclusive após esse período realizando os exames necessários.

Também é ofertado o Profilaxia Pré Exposição (PrEP), porém esse tratamento é para grupos mais propensos a contrair o HIV como: Profissionais do sexo, homossexuais e pessoas trans. O PrEP começa fazer efeito após 7 dias para sexo anal e 20 dias para relação vaginal, o medicamento deve ser tomado todos os dias e não protege contra as demais IST's. As ações de manejo das IST/HIV/Aids incluem: Prevenção da transmissão vertical do HIV e sífilis congênita – A gestante necessita fazer todos os exames de todas as IST's para seguir um tratamento adequado a ela e seu parceiro, dessa maneira, existe uma chance muito boa da não transmissão para o feto. Rede de Diagnóstico de HIV e sífilis através dos testes rápidos; Rede de laboratórios de CD4, carga viral e genotipagem; Rede de serviços de tratamento da lipoatrofia e lipodistrofia (excesso de gordura em algumas partes do corpo e a perda dela em outras) (BRASIL, 2016).

3. MATERIAS E MÉTODOS

O estudo trata-se de uma revisão de literatura. Segundo Bruyne (1991), a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, a uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos fatos científicos. A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados (BRUYNE, 1991 p. 29).

Os critérios de inclusão foram artigos publicados com a temática Infecções Sexualmente Transmissíveis em profissionais do sexo nos anos de 2015 a 2021, publicados em português e inglês em bases de dados gratuitas. Os critérios de exclusão foram livros, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, resumos publicados em eventos e artigos publicados em datas anteriores a 2015.

Os documentos foram coletados em fontes de pesquisa científica, armazenados em Plataformas online como Google Acadêmico, Lilacs, Scielo, Pubmed, Biblioteca Virtual em Saúde - Enfermagem (BDenf) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os dados foram coletados de 05 de fevereiro a 09 de maio de 2022.

A metodologia de análise para a pesquisa é a análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2006, p.15), “é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”.

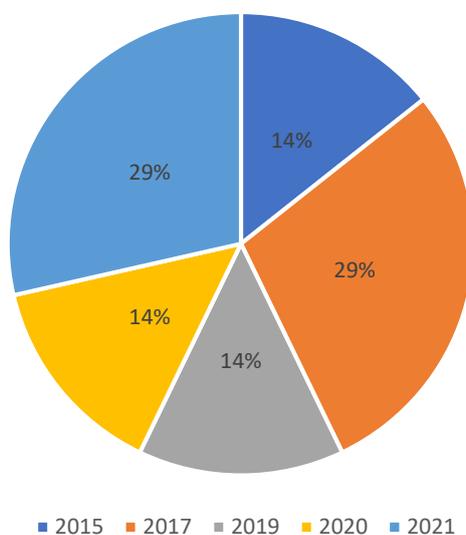
Esse método de análise tem a finalidade de encontrar questões significativas nos dados da pesquisa, ou seja, temas, assuntos e ideias que possam ser de interesse (MARTINS E BICUDO, 2005). É composto por três etapas: pré-análise (leitura exploratória e seletiva, com escolha do material que contempla o objeto da pesquisa), exploração do material e tratamento dos resultados obtidos com interpretação dos mesmos (BARDIN, 2006). Ao aplicar o critério de inclusão as publicações escolhidas caíram para sete. Dessa maneira a análise dos dados foi realizada através de leitura e estudo dos resultados de cada trabalho selecionado, para a execução da pesquisa. Por se tratar de uma revisão de literatura, o presente trabalho não foi submetido ao comitê de ética em pesquisa. Contudo, todos os trabalhos utilizados são de domínio público foram devidamente citados e referenciados, respeitando os direitos autorais dos pesquisadores. Sendo assim, o estudo seguiu as normas devidas, respeitando a resolução CONEP 466/12.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram selecionados para análise sete artigos sobre a temática estudada. Para apresentar os achados, foi elaborada um quadro com as informações encontradas, elencando os aspectos: Ano, Autores, Objetivo, Principais resultados e Conclusões (Quadro 1).

Dentre os artigos selecionados (figura 1), foi publicado dois artigos no ano de 2021 (28,58%), um em 2020 (14,28%), um em 2019 (14,28%), dois em 2017 (28,58%) e um em 2015 (14,28%). Conforme os objetivos da pesquisa e os critérios de inclusão e exclusão dos textos, todos os artigos selecionados se referiam a estudos realizados no Brasil.

Figura 1. Resultados dos sete artigos encontrados na literatura sobre o “Profissionais do sexo: O papel do enfermeiro na prevenção de IST.” Nos anos de 2015 á 2021 em bases de dados como Scielo, google acadêmico, Pubmed.



Fonte: Construído pela autora (2022).

No que se refere à abordagem metodológica foram encontrados 3 estudos com abordagem qualitativa (28,58%), 3 descritivos (42,86%), 1 integrativo (14,28%) e 1 estudo de abordagem transversal (14,28%).

Quadro 1. Distribuição dos artigos selecionados segundo Ano, Autores, Objetivo, Principais Resultados e Conclusões.

AUTORES / ANO	LOCAL / PERÍODO	TIPO DE PESQUISA	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
SEQUEIRA, B.; MANGABEIRA, C.; ZAMBONIN, F.; REIS, J., COSTA, W., & CAMARGO, C. (2020)	Roraima, 2020/ Infecções sexualmente transmissíveis em profissionais do sexo: características e prevalência no extremo norte brasileiro.	Estudo descritivo. Foi realizada um estudo com os profissionais do sexo onde foram coletados dados sociodemográficos e qual o nível de conhecimento em relação a IST, que esses profissionais possuem em relação as Infecções Sexualmente transmissíveis.	O conhecimento coletado da maioria dos profissionais participantes do estudo é de nível mediano.	A forma de mudar esse cenário é voltada a prevenção, acesso ao serviço de saúde, detecção precoce e tratamentos oportunos.
CAVALCANTE, A.E.O.; COUTINHO, G.B.; CARVALHO, A.R.; OLIVEIRA, E.T.A.; SILVA, S. A.; MORAES, L.M.V.; SILVA, F.M.; RODRIGUES, J.A. (2021)	Piauí, 2021/ Saúde sexual feminina em tempos de empoderamento sexual da mulher.	Pesquisa qualitativa.	Foi feita uma análise com 5 profissionais do sexo, com idade entre 22 a 29 anos, onde a maior porcentagem tinha apenas o Ensino fundamental completo. Onde foi abordado sobre a importância do uso de preservativo e com unanimidade todas disseram reconhecer sobre a importância do seu uso.	Nessa pesquisa foi visto que as participantes tinham algum conhecimento referente a importância do uso do preservativo. É necessário dar ênfase para essas profissionais na promoção de saúde.
BARBOSA. T. L. A. et. al, 2015	Montes Claros, 2015/ Aconselhamento em doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária: percepção e prática profissional.	Estudo qualitativo	Estudo realizado com a participação de 12 profissionais da enfermagem e médicos, onde esses profissionais contam suas experiências em aconselhamento de Ist.	Os profissionais reconhecem a relevância de tal prática, porém existem grandes limitações e barreiras para a realização dessas práticas de maneira mais eficaz.
VIANA, A. P. S. et al, 2017	Brasília, 2017/ As práticas de a saúde das mulheres profissionais do sexo.	Estudo descritivo	As profissionais que participaram desse presente estudo, mostram que algumas profissionais não sabem reconhecer alguns sinais e sintomas das Ist's ou que recorrem a pílula do dia seguinte para determinados clientes, assumindo o risco de uma contaminação.	É necessário, a oferta de insumos e serviços especializados para esse grupo de mulheres com vulnerabilidade a tal contaminação.

LEAL, C.B.M.; SOUZA, D.A.; RIOS, 2021	Recife, 2017/ Aspectos de vida e saúde das profissionais do sexo	Revisão integrativa	Associaram-se com maior risco de contaminação a HIV: trabalhar em pontos de ruim, menor nível socioeconômico,	Os aspectos de vida e saúde das profissionais do sexo têm sido pouco debatidos no meio científico, sendo evocada, com maior prevalência, a relação da disseminação das IST's com a atuação delas.
SMANIOTTO, et al., 2021	Ceará, 2021	Revisão integrativa com abordagem mista	Na base de dados BVS foram encontrados 975 estudos. Após aplicação dos filtros restaram cinquenta e seis artigos, destes, apenas sete foram selecionados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, seis deles foram eliminados por repetição e quarenta e três artigos por não fazer referência à temática da pesquisa.	Dessa forma, um atendimento e um olhar humanizado por parte dos profissionais ajudam neste processo, bem como no estigma diante desse público no contexto social. Por isso, a importância de se abordar estratégias que viabilizem e diminuam esses problemas na ESF, já que é a porta de entrada para os serviços de saúde.
COUTO PLS, AT EL., 2019	Paraná, 2019/ Correlação entre marcadores de vulnerabilidade, social frente ao uso do preservativo por trabalhadoras sexuais.	Estudo de corte transversal e inferencial, com abordagem quantitativa	Entre as 138 mulheres incluídas nesta pesquisa, a maioria das mulheres (78,26%) tinham entre 18 e 35 anos de idade e possuía nível fundamental 53,62%); também a maioria delas se declarou negras (59,42%) e católicas (55,07%). Quanto ao tempo de serviço os sujeitos relatam trabalhar há menos de cinco anos (68,12%), a maioria (55,97%) não estava satisfeita com a profissão e cerca de 63,77% relataram usar preservativos durante as relações sexuais.	Conclui-se que a idade, a cor autodeclarada e o Tempo de serviço foram os marcadores de vulnerabilidade social que apresentaram correlação com a adesão ao uso do preservativo entre as mulheres profissionais do sexo. Dessa forma, aceita-se parcialmente a hipótese nula, uma vez que, o único marcador de vulnerabilidade que não influenciou na adesão ao uso de preservativo entre as trabalhadoras sexuais foi o nível de escolaridade.

Fonte: Construído pela autora (2022)

De acordo com os achados, pode-se dizer que a sexualidade é uma característica essencial ao ser humano e por isso, é uma extensão inseparável do existir. Portanto, a educação sexual, implícita ou explicitamente, está intimamente ligada à dimensão cultural e sociopolítica do indivíduo (FONSECA, 2002). Atividades educativas contribuem para a promoção da saúde e prevenção de

infecções sexualmente transmissíveis, tornando a escola um espaço intersetorial potente para a aprendizagem. Contudo, percebe-se que o processo de educação em saúde é prejudicado pela não-percepção das falhas existentes na educação preventiva pelos profissionais da saúde ou outros espaços em que ela ocorre. Observa-se também a necessidade da participação de múltiplos setores na educação sexual, o que inclui a participação de instituições de ensino superior, especialmente vinculadas aos cursos da área da saúde (HIGA et al., 2015).

É preciso ponderar que uma proposta educativa não deve considerar apenas o tratamento de doenças, mas que compreenda questões relativas ao gênero, à sexualidade, à autonomia e à liberdade para a construção de práticas não discriminatórias que garantam a promoção, a proteção e o exercício da sexualidade e da reprodução como um direito. Deve-se assim pautar as atividades de educação em saúde na integralidade da assistência à saúde, em diferentes níveis de cuidado (LEMOS, 2014).

A Unidade Básica de Saúde (UBS) é o local primordial para o cuidado às pessoas com IST/Aids, sendo o enfermeiro um dos principais gestores desse serviço. Em um estudo realizado nas UBS do município de São Paulo, foi possível observar a vulnerabilidade programática desse serviço relacionado a alguns itens como problemas de infraestrutura para realização das ações de prevenção e assistência em IST/HIV/Aids, respostas às necessidades de tratamento, déficit nas ações de pré-natal e puerpério, e na integração entre os serviços de saúde na atenção às IST/HIV/aids. A partir disso pode-se observar a necessidade de investimentos e organização nesses serviços de saúde (VAL; NICHATA; 2014).

Sabe-se que uma das formas mais eficaz de prevenção contra as IST/Aids é através do uso do preservativo em todas as relações sexuais, prática essa que deve ser orientada pelos profissionais de saúde. É possível prevenir algumas IST por meio da imunização, é o caso da hepatite B e papiloma vírus humana (HPV). Nesse estudo, foi possível observar a falta de produções científicas que abordem diretamente como isso se dá na prática, nos serviços de saúde.

Em um estudo realizado por Forsner et al (2016), relacionado à imunização de meninas entre 11 e 12 anos de idade contra o vírus do papiloma humano (HPV), demonstra a necessidade de enfermeiros buscarem estratégias para ajudar as crianças que se sentem desconfortáveis com os procedimentos relacionados à agulhas. Observa-se, a partir disso, que outra atribuição do enfermeiro em relação à prevenção de IST é a imunização, para tanto, é necessária a capacitação desses profissionais, fundamental para que o cuidado prestado seja qualificado.

Estudos vem demonstrando que o uso adequado do exercício pode ser uma estratégia útil para reduzir o risco de doenças cardiovasculares em homens e em mulheres HIV-positivas com redistribuição de gordura; além de normalizar a pressão sanguínea, o peso, os níveis de lipídios nos pacientes e aumentar a sensibilidade a insulina. Atividades aeróbicas, de resistência, ou de treinamento combinado têm sido discutidas como uma proposta terapêutica complementar para reduzir os agravos das doenças cardíacas em indivíduos HIV/AIDS (BRITO; CASTILHO; SZWARCOWALD, 2001).

O cuidado prestado pelos enfermeiros deve ser pautado, acima de tudo, na ética e valorização do sujeito que está sendo cuidado. Para que haja a efetivação de uma assistência de qualidade é necessário o uso de tecnologias leves por parte desses profissionais. Essas tecnologias são conceituadas como tecnologias das relações, a qual possui como base a criação de vínculo, a autonomia, o acolhimento. Além disso, relaciona-se com a humanização, buscando o conforto físico, psíquico e espiritual das pessoas que recebem o cuidado (ADAMS; RODRIGUES; FONTANA; 2011). Portanto, esses aspectos devem permear as ações de educação em saúde e o aconselhamento em IST/Aids.

Tendo em vista essa possibilidade do desconhecimento sobre o uso do preservativo, o enfermeiro deve ter como função, além de informar sobre a existência do preservativo, ensinar o passo a passo de como usá-lo corretamente, eliminando assim os possíveis riscos de contaminação das ISTs devido ao uso incorreto do preservativo.

Acredita-se que a Enfermagem careça de educação permanente para consolidar os conhecimentos sobre a sexualidade com profissionais do sexo. Tal educação oportuniza a obtenção de subsídios para que se proponha um cuidado integral aos profissionais do sexo, de modo que possa

atender e esclarecer a eles sobre as possíveis dúvidas relacionadas a sexualidade, assim como estabelecer pelos próprios profissionais com base no conhecimento adquirido pela educação os cuidados quanto ao ato sexual e as ISTs (CEZAR, 2012).

Compreende-se que a prática de enfermagem relacionada à prevenção/detecção/ tratamento das ISTs está além da realização de ações de educação em saúde. Ela abrange um conjunto completo de cuidados como o aconselhamento, notificação, encaminhamento a outros serviços quando houver necessidade, avaliação integral, incluindo o histórico de saúde e testes, convocar o parceiro (a), tratamento e apoio às pessoas vivendo com ou em risco de adquirir IST (BUNGAY; MASARO; GILBERT; 2014).

Algumas ISTs possuem sinais e sintomas clínicos que podem comprometer a saúde das pessoas e diminuir sua qualidade de vida. O surgimento de vesículas, verrugas, fissuras, feridas, entre outras afecções, são comuns a diversas infecções transmitidas sexualmente. Conforme ressaltam Ferraz e Martins (2014), para um diagnóstico preciso com relação às infecções sexualmente transmissíveis, é necessária uma avaliação clínica adequada e a utilização dos fluxogramas propostos, a partir disso, caso seja confirmada alguma patologia, o enfermeiro deverá dar seguimento ao tratamento deste usuário.

5. CONCLUSÃO

Então, tornam-se necessárias também estratégias educativas, realizadas por profissionais habilitados, para promover uma mudança no comportamento dos idosos, principalmente quanto às formas de prevenção, focando na importância do uso de preservativos durante as relações sexuais para prevenir as ISTs (MASCHIO, 2011).

Por fim, o estudo trouxe contribuições para o conhecimento acerca da vulnerabilidade dos profissionais do sexo frente as ISTs, tanto a nível acadêmico por acrescentar informações e estimular que mais pesquisas voltem-se para esta temática, como também a relevância social e profissional da pesquisa, informando sobre a importância da atuação do profissional de saúde, em especial, do enfermeiro, na implementação de palestras sobre ISTs, promovendo assim a saúde e a qualidade de vida deste público. Sanando dúvidas e abanando preconceitos existentes na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ADAM, B.D.; HART, T.A.; MOHR, J.; COLEMAN, T.; VERNON, J. HIV-related syndemic pathways and risk subjectivities among gay and bisexual men: a qualitative investigation. **Cult Health Sex.**, v. 10, p. 1-14, 2017.

ALLEN, B. ET AL. Blood Serum From Head and Neck Squamous Cell Carcinoma Patients Induces Altered MicroRNA and Target Gene Expression Profile in Treated Cells. **Front. Oncol.**, v. 8, 2018.

ALMEIDA, C.L.A. Educar na sociedade da informação: corpo e história: ciência, saber, poder e prazer. São Paulo, 2002.

BENOIT, C.S., JANSSON, M.; SMITH, M.; FLAGG, J. Prostitution stigma and its effect on the working conditions, personal lives, and health of sex workers. **Journal Sexualidade Res.**, 2017

BARBOSA, T.L.A.; Aconselhamento em doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária: percepção e prática profissional Counseling about sexually transmitted diseases in primary care: perception and professional practice. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.28, n. 6, 2015.

BARROSO, M.G.T.; MIRANDA, C.C.L.; PINHEIRO, P.N.C. A aids sob o olhar da companheira contaminada. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 51, n. 3, p. 393-402, 1998.

BRITO, A.M.; CASTILHO, E.A.; SZWARCOWALD, C.L. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical Uberaba**, v. 34, n. 2, p.207-217, 2001.

CARNEIRO, R.F.; SILVA, N.C.; ALVES, T.A.; BRITO, D.C.; OLIVEIRA, L.L. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v.14, n.1, p. 104-08, 2015.

CAVALCANTE, A.E.O.et al. Mulheres profissionais do sexo: discurso sobre o uso do preservativo e sua autopercepção de vulnerabilidade ao HIV. **Research, Society and Development**, v. 10, 2021.

CEZAR, A.K.; AIRES, M.; PAZ, A.A. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis na visão de idosos de uma Estratégia de Saúde da Família. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 65, n. 5, p. 745- 750, 2012.

COOK, S.H.; HALKITIS, P.N.; KAPADIA, F. Relationship cognitions and longitudinal trajectories of sexual risk behavior among young gay and bisexual men: The P18 cohort study. **Journal of Health Psychol**, v. 23, n. 14, p. 1884-1894. 2016.

COUTO, P.L.S.; GOMES, A.M.T., ET AL. Correlação entre marcadores de vulnerabilidade social frente ao uso de preservativo por trabalhadoras sexuais. **Saúde e Pesquisa**, v. 12, n. 3, 2019.

FERNANDES, A.M.S.; ANTONIO, D.G.; BAHAMONDES, L.G.; CUPERTINO C.V. Conhecimento, atitudes e práticas de mulheres brasileiras atendidas pela rede básica de saúde com relação às doenças de transmissão sexual. **Caderno de Saúde Pública**, v.16, n. 1, p. 103-12, 2000.

HIRTH, J.M.; CHANG, M.; RESTO, V.A.; et al Prevalence of oral human papillomavirus by vaccination status among young adults (18-30 years old). **Vaccine**, v. 35, p. 3446-3451, 2017.

KALININ, Y. Sífilis: aspectos clínicos, transmissão, manifestações orais, diagnóstico e tratamento.” **Odonto.**, v. 23, n. 45, p. 65-76, 2016.

KNAUTH, D.R.; HENTGES, B.; MACEDO, J.L.; PILEC, C.O.F.B.; TEIXEIRA, L.B.; LEAL, A.F. O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. **Caderno Saúde Pública**, v. 36, p, e00170118, 2020.

JEFFRIES, W.L.; GELAUE, D.J.; TORRONE, E.A.; GASIOROWICZ, M.; OSTER, A.M.; SPIKES, J.R. Unhealthy environments, unhealthy consequences: experienced homonegativity and HIV infection risk among young men who have sex with men. **Glob Public Health**, v.12, n. 1, p. 116-29, 2017.

LANG, K.U.H.S.; PAWLITA, M., ET AL. Characterization of human papillomavirus antibodies in individuals with head and neck cancer. **Cancer Epidemiology**, v.42, p.46–52, 2016.

LEITICH H, BODNER-ADLER B, BRUNBAUER M, KAIDER A, HUSSLEIN P. Bacterial vaginosis as a risk factor for preterm delivery: a meta-analysis. **American Journal Obstetrics Gynecology**, v. 189, p. 139-47, 2003.

LIM, S.M.e. Investigating the Feasibility of Targeted Next-Generation Sequencing to Guide the Treatment of Head and Neck Squamous Cell Carcinoma. **Cancer Res. Treat**, v.51, n. 2, p. 300-312, 2018.

MAIA, C.; GUILHEM, D.; FREITAS, D. Vulnerabilidade ao HIV/aids de pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. **Revista Saúde Pública** [Internet]. V. 42, n. 2, p. 242-8, 2008.

MARIN, G.; SILBERMAN, M.; MARTINEZ, S.; SANGUINETTI, C. Healthcare program for sex workers: a public health priority. **International Journal of Health Planning and Management**, v.30, p. 276-84, 2015.

MIRGHANI, H.; AMEN, F.; TAO, Y.; DEUTSCH, E.; LEVY, A. Increased radiosensitivity of HPV-positive head and neck cancers: Molecular basis and therapeutic perspectives. **Cancer Treat. Revista**, v. 41, p. 844–852, 2015.

MOMBELLI, M.A.; BARRETO, M.S.; ARRUDA, G.O, MARCON SS. Epidemia da aids em tríplice fronteira: subsídios para a atuação profissional. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 68, n. 3, p. 429-37, 2015.

MONTEIRO, S.; VILLELA, W.; FRAGA, L.; SOARES, P.; PINHO, A. The dynamics of the production of AIDSrelated stigma among pregnant women living with HIV/AIDS in Rio de Janeiro, Brazil. **Caderno Saúde Pública**, v.32, 2016.

NAKUBULWA, S., KAYE, D.K., BWANGA, F., TUMWESIGYE, N.M., MIREMBE, F.M. Genital infections and risk of premature rupture of membranes in Mulago Hospital, Uganda: a case control study. **BMC research notes**, v. 8, 2015.

NOGUEIRA, C.; SAAVEDRA, L.; COSTA, C. (In)Visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 59-79, 2008

OLIVEIRA, W.A.; SILVA, M.A.; MELLO, F.C.; PORTO, D.L.; YOSHINAGA, A.C.; MALTA, D.C. Causas de bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Revista Latina Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 275-82, 2015.

OLIVEIRA, J.S.S.; SANTOS, J.V. Perfil epidemiológico da sífilis congênita no estado da Bahia, no período de 2010 a 2013. **Rev Eletrôn Atualiza Saúde**, v. 2, n. 2, p. 20-30, 2015.

PENNA, G.O.; HAJJAR, L.A.; BRAZ, T.M. Gonorréia. **Revista Sociedade Brasileira Medicina Tropical**, v. 33, p.451-64, 2000.

PINSOF, D.; HASELTON, M.G. The effect of the promiscuity stereotype on opposition to gay rights. **PLoS One**, v. 12, n. 7, p. e0178534, 2017.

REIS-GÓES, F.S.; LIMA, F.L.O.; AMORIM, C.F.; SANTA IZABEL, T.S. Prevalence of Chlamydia trachomatis infection in the brazilian female population: a review article. *Research, Society and Development*, 2020.

RIBEIRO IM, RIBEIRO AS, PRATESI R, GANDOLFI L. Prevalence of various forms of violence among school students. **Acta Paul Enfermagem**, v. 28, n. 1, p. 54-9, 2015.

RODRIGUES, A. Sem máscara: prostituta quer profissão regulamentada. Salvador, BA, 2005.

SILVA, I.R.; LEITE, J.L.; LINS, S.M.; SILVA, T.P.; SANTOS, M.J. Orders and disorders: the complexity of adolescence and sexual health - contributions to nursing. *Revista Enfermagem*, v.24, n. 2, p.14569, 2016.

SILVEIRA, M.F. Comportamentos de risco para DST/ Aids em mulheres na cidade de Pelotas: prevalência, autopercepção e fatores associados [Tese]. Pelotas: Departamento de Medicina Social da Universidade Federal de Pelotas; 2000.

SEQUEIRA, B.; MANGABEIRA, C.; ZAMBONIN, F.; REIS, J.; COSTA, W.; CAMARGO, C. Infecções Sexualmente Transmissíveis em Profissionais do Sexo: características e prevalência no extremo norte brasileiro. *Saúde (Santa Maria)*, v. 46, n.2, 2020.

UNEMO, M. Current and future antimicrobial treatment of gonorrhoea - the rapidly evolving *Neisseria gonorrhoeae* continues to challenge. *BMC Infect Dis.*, v. 15, p.364, 2015.

VALENTE, A.M.M.; REIS, A.F.; MACHADO, D.M.; SUCCI, R.C.M.; CHACRA, A.R. HIV lipodystrophy syndrome. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia*, v. 49, n.6, p, 871–81, 2005.

VICTORA, C.G.; HUTTLY, S.R.; FUCHS, S.C.; OLINTO, M.T. The role of conceptual frameworks in epidemiological analysis: a hierarchical approach. *International Journal of Epidemiology*, v.26, p. 224-7, 1997.

VIANA, A.P.S.; RODRIGUES, D.P.; ET AL. As práticas de risco à saúde das mulheres profissionais do sexo. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 11, p. e469119585, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i11.9585.

World Health Organization (WHO). (2016). Global health sector strategy on sexually transmitted infections, 2016–2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-RHR-16.09>

YANG, X.; MAK, W.S.; HO, C.Y.; CHIDGEY, A. Self-in-love versus self-in-stigma: implications of relationship quality and love attitudes on self-stigma and mental health among HIV-positive men having sex with men. *AIDS Care*, v. 29, n. 1, p. 132-6, 2017.